

A População Romana de Torres Vedras



Inscrição n.º 9. Foto 10

Estela Funerária – Quinta da Portucheira (Matacães). Coleção Museu Municipal de Torres Vedras.

No território torriense encontra-se documentada a presença da tribo Galéria, confirmando, deste modo, a sua pertença ao Município de cidadãos romanos de *Olisipo* (Lisboa).

São aliás os testemunhos epigráficos, representativos da tribo Galéria na região que parecem evidenciar os limites setentrionais do Município Olisiponense, um pouco a Norte da Ribeira de Alcabrichel, fazendo fronteira com o território de *Eburobrittium* (Óbidos).

Vimos anteriormente poder identificar-se Torres Vedras com o *oppidum* de *Chretina*, apesar dos problemas de interpretação que levanta. Não parecendo um topónimo indígena, o que coloca em questão a continuidade do povoamento na região, contrasta, porém, com a maior parte dos topónimos na época romana de origem indígena. Todavia, a sua fonte é de origem grega e tardia, podendo-se, porém, equacionar a possibilidade de estar relacionada com a palavra latina «creta», significando «argila».

Certo é que o modelo do povoamento regional introduzido pelos romanos foi a *villa*, estabelecimento rural urbanizado, cuja concentração no concelho é assaz notória.

Os testemunhos epigráficos para a região são cerca de trinta, pertencentes maioritariamente ao Alto Império (séculos I e II) permitindo-nos, porém, conhecer alguns aspectos da demografia regional, nomeadamente a presença de imigrantes, assim como da estrutura social da população.

Certo é que a simbiose entre populações indígenas e colonizadores foi, a exemplo de *Olisipo*, uma realidade crescente. A título de exemplo, mencionamos o edil de *Olisipo*, identificado numa inscrição proveniente da ermida de S. Julião, de nome *Q. Caecilius Q. f. Caecilianus*, de origem itálica.

Outro exemplo acerca da presença de indivíduos de proveniência itálica no *territorium* de *Chretina* encontra-se atestado numa inscrição proveniente de uma *villa* (não localizada) em Dois Portos. A inscrição conservou o epitáfio de *Q. Coelius Aquila*, filho do duúnviro *Q. Coelius Cassianus*, uma figura destacada da sociedade do *municipium* de *Olisipo*, na época de Cómodo, pertencente à *gens Cassia*.

Todavia, outras inscrições parecem documentar a presença de indivíduos provenientes da Bética, região com a qual existem vestígios de intensos contactos com *Olisipo*.

No *territorium* de *Chretina* também se encontra documentada a presença de habitantes oriundos de África, mas igualmente relacionados como os da Bética, como em *Olisipo*, testemunhando, uma vez mais, a influência desta cidade portuária na região. Mencionamos apenas *C. Caecilius C. f. Gaetulicus*, registado no século I, numa inscrição proveniente da Quinta de S. Gião, cujo

gentílico *Caecilius*, conheceu uma grande divulgação no Norte de África, com uma forte concentração em *Volubilis* (próximo de Tetuan, Marrocos).

Destaque-se, igualmente, uma forte presença na região de antropónimos gregos, orientais sobretudo, como um *Q. Bovius Atimetio Victor*, testemunhado em Torres Vedras, ou um *M. Iulius Morphus*, referenciado em S. Pedro da Cadeira.

Outros vestígios epigráficos atestam, porém, o fenómeno da romanização das populações indígenas. Nas inscrições provenientes da Quinta de S. Gião, por exemplo, verificamos a persistência da antroponímia pré-latina.

As *gentes* mais representadas na região torriense, no período romano, são as *Iulia*, *Caecilia*, *Licina* e *Bovia*, a exemplo, aliás, do que se verifica em *Olisipo*.

Em suma, **os vestígios epigráficos atestam uma forte e activa romanização e colonização da região, a avaliar pelo testemunho dos *tria nomina*. Curiosamente, tem-se tentado identificar a origem do topónimo *Turres Veteras* com os Túrdulos, contudo, nada se consegue atribuir aos mesmos.**

SAIBA MAIS:

Vasco Gil Mantas, «A População da Região de Torres Vedras na Época Romana», in *Turres Veteras IV. Actas de Pré-história e História Antiga*, Torres Vedras, Câmara Municipal de Torres Vedras / Instituto Alexandre Herculano da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2001, pp. 129-141.